

Comunidades Alemãs nas cidades do ABC: um relato de História Oral

Alberto Iszlaji Junior¹

Introdução

Com o início da imigração de europeus para o Brasil em meados do século XIX, o país começou a tomar contato mais próximo com as várias culturas europeias, essa relação foi importante para constituir a cultura brasileira, pois tivemos a influência de povos do mundo inteiro. Nós trabalharemos com um destes povos que vieram para o Brasil nesse período, os alemães.

A vinda deste grupo para o Brasil se deu por várias razões, crises econômicas, unificação da Alemanha, a Primeira e Segunda Guerra Mundiais, enfim, estas pessoas vieram em busca de uma vida melhor, muitos constituíram família aqui, enriqueceram ou até mesmo retornaram para o seu país de origem.

É muito comum quando uma pessoa está em um lugar que não conhece e que possui uma língua diferente da sua, se unir com aqueles que tenham algo parecido com você, assim se formam as comunidades de imigrantes, pessoas que vieram de um mesmo país ou região que tem um mesmo idioma ou traços culturais.

Cada um dos grupos de imigrantes mais populosos possuem as suas comunidades, por exemplo, a comunidade italiana, espanhola e alemã. A esta última

¹ Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, é estudante do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, Área de Concentração: Comunicação, Inovação e Comunidades.

daremos mais atenção à suas características, visto que este artigo aborda os relatos de pessoas que fazem parte da comunidade alemã do ABC.

Problema

A influência dessas comunidades na sociedade brasileira é inegável, a presença deles muda a dinâmica da cidade, são milhares de pessoas falando uma língua diferente, com uma cultura diferente se relacionando com outras pessoas, brasileiras, que carregam o arcabouço cultural do Brasil e essa relação gera uma “nova” cultura, modifica as duas culturas, a do imigrante, que assimila alguns preceitos brasileiros, e modifica o brasileiro, que também assimila preceitos desses imigrantes. Esse “caldo” cultural suscita muitas discussões, porém este trabalho se centra em outra questão importante: como essas comunidades preservavam a sua cultura mesmo passando por esse processo de assimilação.

Tendo esses questionamentos em mente: Como se davam as formas de preservação da cultura alemã de uma geração para outra? Como imigrantes e descendentes narram suas experiências de vivência cultural e transmissão de valores familiares, originários de sua descendência étnica?

Dessa forma procuramos identificar nos relatos desses imigrantes quais eram as formas de preservação da cultura encontrada por eles.

Objetivos

Nosso objetivo é identificar nos relatos quais são os instrumentos utilizados para que a cultura fosse preservada mesmo vivendo fora do seu país de origem. Também temos como objetivo identificar nas narrativas de História Oral as experiências culturais

dos depoentes e a transmissão de valores familiares originados de sua descendência étnica.

Metodologia

Alinhado com as pesquisas do *Memórias do ABC* – Núcleo de Pesquisas e Laboratório de Produções Midiáticas da Universidade Municipal de São Caetano do Sul da USCS, que vem desenvolvendo diversos estudos voltados para a compreensão das relações entre comunicação e cultura, memória e imaginário, narrativas e hipermídias, esse artigo se apresenta na continuidade de pesquisas que se voltaram para a comunidade de estrangeiros do ABC Paulista, numa perspectiva de resgate da memória local e de relações da sociedade com o processo de comunicação da cultura de comunidades, grupos sociais e locais.

Para isso utilizaremos os relatos destes imigrantes e de seus descendentes que vivem ou viveram no ABC ao longo do século XX, esses depoimentos foram realizados entre 2007 e 2008 e estão disponíveis no Laboratório de Hipermídias/Memórias do ABC da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS, pelo sistema HiperMemo (um sistema hipermídias de memórias, disposto virtualmente, onde as pesquisas do núcleo são arquivados, juntamente com a gravação em vídeo da entrevista, a transcrição e acervo pessoal cedidos pelos depoentes, como fotos, bilhetes, textos, documentos, etc).

Justificativas

Este trabalho se enquadra na história das comunidades imigrantes do Brasil, momento fundamental para a construção deste país, pois a vinda dos imigrantes ajudou a nos desenvolver. Além disso, esse trabalho contribui com a discussão e

problematização das questões relativas à história oral, esta metodologia que a cada trabalho contribui mais para sua inserção nas discussões acadêmicas dando atenção a aqueles indivíduos que, diferente da historiografia dos grandes estadistas, estariam excluídos. Assim, a história oral proporciona ao indivíduo, à pessoa comum, a condição de sujeito da história em que suas ações e experiências de vida ganham relevância para a compreensão do passado.

A imigração no Brasil se configura como tema recorrente na historiografia nacional, o fato de vários povos terem migrado é algo que chama muito a atenção dos pesquisadores. Ao observarmos a nossa sociedade, percebemos que a presença desses imigrantes é muito grande, a influência da língua na pronúncia e na variação linguística de cada uma das regiões do Brasil.

Questões Teóricas

Desse modo, o narrador se torna o centro de nosso estudo, dele por ele conseguimos nos aproximar do período que pesquisamos. Sua experiência é necessária para nós, como afirma Beatriz Sarlo em seu livro *Tiempo Pasado: La narración de la experiencia está unida al cuerpo y a la voz, a una presencia real del sujeto en la escena del pasado.*(2005, p. 29), pois os relatos de memória das pessoas contribuem para conhecer melhor como era estruturada a vida dos imigrantes no ABC.

Conforme José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 20): “A história é feita pelas pessoas comuns, com sentimentos, paixões, idealizações... todos são personagens históricos, o cotidiano e os grandes fatos ganham equiparação na medida em que se traçam para garantir a lógica da vida coletiva.”, por conta disso este artigo optou por trabalhar com relatos de História de Vida.

Ao discutirmos a manutenção da cultura alemã fora da Europa é importante que trabalhe com a ideia de imaginário social e pertencimento àquela cultura, dessa forma nos apoiaremos no trabalho de Bronislaw Baczko, pois ele apresenta reflexões interessantes sobre o imaginário. Ao trabalhar com essa temática ele afirma:

Por detrás dos imaginários, procuravam-se os agentes sociais, por assim dizer, no seu estado de nudez, despojados das suas máscaras, das suas roupagens, dos seus sonhos e representações, etc. Ora, a abordagem cientista não observava realmente esses agentes sociais 'desnudos'; era ela que os construía (BACZCO, 1985, p. 297).

Ou seja, os depoentes, no momento do relato, estão desnudos, estão livres para apresentarem as suas emoções, frustrações com os eventos das suas vidas. Essas emoções representam o arcabouço cultural próprio de cada um. E a cultura é algo em constante mudança na globalização (BARBERO, 2003), logo os depoentes se apoiam nas suas referências culturais a fim de manter o seu reconhecimento com o passado, pois ao viver em um mundo onde as mudanças são constantes e rápidas, ligar-se ao passado e as tradições representa um refúgio.

É evidente que os depoentes ao se lembrarem de fatos tão afastados no passado apresentem um julgamento de valor, no qual o antigo é sempre melhor do que o presente:

No sistema de representação produzido por cada época e no qual esta encontra unidade, o 'verdadeiro' e o 'ilusório' não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo, por meio de um complexo jogo dialético. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua 'verdade' bem como o lugar que lhe cabe na 'lógica da história' (BACZCO, 1985, p. 303)

Ao trabalharmos com a temática da memória é importante termos algumas questões em mente, para isso evocamos o trabalho de Paul Ricoeur, *Percurso do Reconhecimento* (2006) no qual ele trabalha com a memória e a promessa.

Em uma de suas passagens Ricoeur afirma que a memória pode ser entendida como uma imagem, assim como em Bergson, e o ato de lembrar sempre está no presente (2006), ou seja, lembramos de algo que aconteceu há muito tempo mas olhamos para ele com os olhos do presente, com os elementos que compõem esse presente, por vezes esses elementos não são os mesmos e essa distância com o passado pode gerar uma nova interpretação deste.

O autor também aborda o esquecimento, pois este é parte integrante da memória e sua maior inimiga. Segundo Ricoeur (2006), o esquecimento faz parte da memória, pois para esquecer nós devemos lembrar de ter esquecido, não é possível esquecer de

algo que não se tem a dimensão do seu esquecimento, portanto, para esquecer o sujeito deve lembrar que esqueceu. Nas palavras de Santo Agostinho:

Ora, o esquecimento, sem nos lembrarmos dele, não poderíamos de modo algum, ao ouvir o seu nome, reconhecer a realidade que ele significa: se assim é, é a memória que guarda o esquecimento (AGOSTINHO, X, xviii, 27, apud RICOUER, 2006: 131).

Seguindo as ideias de Ricouer (2006), a memória ou ato de lembrar se dá através do reconhecimento do passado, ou seja, reconhecer o passado e distingui-lo do presente é possível pelo reconhecimento do passado enquanto imagem daquilo que foi, segundo a analogia bergsoniana de memória como imagem.

Ao compreendermos o reconhecimento é preciso entender o conceito de identidade, assim Stuart Hall (1999) constrói a ideia de sujeito social e apresenta como o sujeito transformando as bases que possibilitam a formação de identidades, as rupturas e as contribuições que alguns períodos tiveram para a existência da identidade contemporânea.

O autor afirma que a identidade “costura” o sujeito à estrutura social, estabilizando o sujeito e tornando ambos mais unificados e predizíveis (1999), sendo assim, não é possível entender a sociedade sem o sujeito e este sem a sua identidade. Hall (1999) apresenta três tipos de identidade: a iluminista, a sociológico e a pós-moderno. Nesta última, o autor afirma que na contemporaneidade a identidade se dá pela mudança, pois os novos progressos tecnológicos aceleraram muito as mudanças na sociedade, assim estruturas que antes eram referência para a estabilidade do homem, hoje estão em processo de mudança, logo o indivíduo utiliza uma identidade diferente a cada espaço que se relaciona.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginado” ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2006: 38).

Dessa forma, o reconhecimento de si só é possível pela construção da identidade do sujeito, pois é essa identidade que fornece a base para o sujeito se relacionar com o mundo, mesmo que essa identidade esteja em profunda mudança, pois ela nunca está completa. Ao relatar o depoente se depara com essas questões e em nossa pesquisa isso

se evidencia com mais clareza, uma vez que estes depoentes não nasceram no Brasil ou tem uma relação muito próxima com a cultura estrangeira e no momento de se relacionar com a cultura local essas questões tornam a tona.

Desenvolvimento da Pesquisa – Análise das entrevistas em função dos objetivos

Imigrantes alemães vieram para o Brasil por diversas razões, uma delas, por exemplo, foi a dos pais de Pedro José Pilo, (nascido em São Caetano do Sul em 1926, filho de pais iugoslavos, estudou na escola alemã de São Caetano do Sul e trabalhou como serralheiro) que vieram ao Brasil “porque lá não dava mais” ou por conta da I Guerra Mundial como no caso da família de Frida Schmidt, outra depoente (nascida em São Caetano do Sul em 1924, filha de imigrantes austríacos, trabalhou como modelista). Todos eles migraram para começar vida nova e para enfrentar todos os desafios de viver longe de sua terra natal. Esses imigrantes começaram a se agrupar formando comunidades, por onde conseguiram manter a língua, a tradição, os costumes alemães. Uma das primeiras características a serem trabalhadas é a língua, para isso, funda-se a Escola Alemã em São Caetano do Sul. Logo após também é criado o “Clube Teuto”, um lugar para a comunidade se divertir, jogar futebol, dançar, enfim, se relacionar.

Segundo Bauman (2003: 9), comunidade é um lugar cálido, sempre associado a algo bom, aconchegante, em suas palavras:

Em suma, “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance — mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. Raymond Williams, atento analista de nossa condição comum, observou de modo cáustico que o que é notável sobre a comunidade é que “ela sempre foi”. Podemos acrescentar: que ela sempre esteve no futuro. “Comunidade” é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido — mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá.

Esses imigrantes quando chegavam a um lugar novo, formavam associações buscando esse ambiente cálido, aconchegante para sentirem-se um pouco mais próximos do lar que deixaram na Europa.

Pelos relatos vemos que a infância dessas crianças era muito comum, brincavam, estudavam, não se relacionavam somente com alemães, não havia discriminação por serem estrangeiros, pois havia muitas famílias estrangeiras na região. Vemos que essas crianças ao frequentarem a escola aprendiam a língua portuguesa e alemã, recebiam materiais impressos em alemão e segundo Marta Wachtler (nasceu na Lituânia em 1922, filha de descendentes prussianos foi cabelereira), outra depoente:

Nós recebíamos livros do Rio Grande do Sul, de lá... Companhia...Livraria...Agora o esqueci o nome, tava lembrando até agora. Acho que era (Dortman??). E eles mandavam os livros pra nossa escola, livros de leitura e de Geografia, História e todos esses livros eram do Rio Grande do Sul (São Caetano do Sul, 11 de dezembro de 2008, HiperMemo/USCS).

Dessa forma, a cultura era passada para essas crianças, que aprendiam a língua alemã, os costumes e a culinária, esse último ponto não era ensinado na escola, mas em casa. O serviço doméstico era reservado às mulheres, como relata Pedro José Pilo. Os meninos não participavam da preparação das comidas, as meninas aprendiam os pratos típicos e outros afazeres domésticos, mas ao tomarmos contato com os relatos vemos que um prato em especial é recordado por todos quando são questionados se lembram das comidas que eram feitas, o chucrute. Além de se lembrarem deste prato também sabem como fazê-lo, isso nos revela que o prato típico também cumpre a função de preservar a cultura alemã, por ser um prato muito típico da cultura alemã.

Segundo as reflexões de Martín-Barbero (2003: 68), entende-se que a cultura existe quando ela se comunica uma com as outras e isso gera um arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos.

Em conformidade com o autor, entendemos que não é possível haver comunicação sem cultura e cultura sem comunicação, pois se trata de um processo pelo qual um depende do outro (cultura e comunicação) e juntos são capazes de acionar diversos conceitos diferentes como: identidade, reconhecimento, cultura e outros, que são importantes para o estabelecimento dessas relações.

Já na adolescência aprendiam uma profissão e frequentavam os cinemas e, em especial, os bailes e neles conheciam outras pessoas, namoravam, dançavam. Nesses bailes muitos conheceram os seus futuros cônjuges como foi o caso de Gertrudes Dal

Pos (nascida em São Paulo em 1934, filha de austríacos, trabalhou como aeromoça). Por conta de viverem inseridos na comunidade alemã acabavam se casando também com descendentes, mas não há, nos relatos, proibição de casamento com alguém fora da comunidade.

Tendo como norte essas questões observamos que os relatos apresentam fatos em comum, um exemplo já citado são as aulas nas escolas. Os materiais são produzidos em língua alemã e são vendidos para os alunos, um dado importante é que esses livros eram utilizados por vários membros da família, quando o mais velho terminava de usá-los passava para o mais novo e assim subsequentemente. Podemos inferir que a cultura apresentada nos livros vai sendo absorvida pelas gerações mais novas, o que preserva a cultura alemã, porém não impede de incorporar a cultura brasileira, visto que esses alunos também tinham aulas de português e com elas o aparecimento de fatos da história do Brasil e outros assuntos do meio escolar.

Assim vemos que a comunidade alemã do ABC não se apresentava fechada para a cultura brasileira e ainda observamos que há um reconhecimento em ser acolhido pelo Brasil como seu novo país, como podemos observar no relato de Miguel Zvonimir Krouman (nascido onde hoje é a Croácia em 1924, frequentou a escola alemã de São Caetano do Sul, trabalhou como metalúrgico), mais um de nossos depoentes:

Mas a vida no Brasil sempre foi boa. As coisas acontecem quando a gente menos espera. Quando eu fui - eu sou naturalizado brasileiro - quando eu fui perante ao juiz em Santo André, só estava o juiz e a secretária, a secretária me veio, eu contei minha vida para ele, ela veio com um livro para mim escrever e veio, para mim ler o código brasileiro. O juiz falou: "Não precisa não, esse cara é mais brasileiro que nós dois juntos" (São Caetano do Sul, 27 de novembro de 2007, HiperMemo/USCS).

Ou seja, para alguns dentro da comunidade a escolha de ter vindo ao Brasil foi muito boa e proveitosa, pois aqui eles constituíram família, tiveram filhos, e netos sempre preservando a cultura alemã, e têm orgulho em serem alemães e brasileiros, manterem a dupla cidadania. Essa característica é apresentada em grande parte dos relatos.

Outro momento do qual os depoentes sempre se lembram são os bailes, neles os adolescentes conhecem outras pessoas e principalmente aprendem a dificuldade da conquista do sexo oposto, essa impressão aparece com muita clareza nos relatos, existe

a convenção de que o homem tira a moça para dançar, o que poderia determinar que ele fosse ao encontro da sua escolhida, no entanto vemos que as mulheres também tinham as suas maneiras para chegar à pessoa que queria se relacionar, como podemos ver no relato de Vásila Christófaro (nascida em São Paulo em 1934, estudou em São Caetano do Sul e foi secretária e dona de casa), outra depoente:

A gente tinha que esperar o moço se declarar. E um dia um amigo dele veio falar pra mim, “ Você quer dançar comigo?” Eu falei “ Não “. Eu não ia com a cara dele por que eu ia dançar.? (...) Depois veio o Jaime lá, “ É, meu amigo falou que você não quer dançar com ele. Eu falei “ Não quero mesmo! “É mais você sabe que não pode dar tábua?” Eu falei; “Sei, mas eu não quero dançar com ele.” Só faltou eu dizer que queria dançar com ele, o Jaime, não com o outro. (...) aí depois o Jaime veio falar assim comigo.” E aí agora, você quer dançar comigo?” Aí eu falei: “Ah , com você eu quero!” (risos) (São Caetano do Sul, 11 de dezembro de 2008, HiperMemo/USCS).

Assim os bailes representam a passagem da infância para a fase adulta, pois nesse momento, esses adolescentes, aprendiam a namoravam e muitas vezes casavam diferente do que observamos na sociedade contemporânea, onde essas relações levam mais tempo para ocorrerem.

Esses momentos das vidas de nossos depoentes são importantes para nós, pois nos permite conhecer a realidade deles, os anseios, medos, dúvidas que viveram e mais interessante, ainda, é notar que os fatos relatados por eles são as impressões do que foi marcante em suas vidas, ou seja, as falas dos depoentes apresentam os momentos mais importantes da vida deles, mas não devemos nos esquecer que o entrevistador provoca essas lembranças e a sua função é fundamental para a realização do trabalho.

Tendo em vista que a entrevista revela os momentos mais importantes da vida do depoente, devemos evidenciar que existe uma carga cultural muito grande quando observamos que os relatos mostram um prato, como o chucrute, os bailes e o Clube Teuto, pois a partir disso podemos supor que esses sejam as apropriações mais comuns da cultura germânica e de sua preservação em lugares distantes da Europa, fica muito claro para nós essas permanências, tivemos contato com descendentes e imigrantes alemães e neles observamos que além da língua, a culinária, o lazer e as relações com outros alemães são fundamentais para a preservação da cultura alemã.

Considerações Finais

Ao trabalharmos com essas histórias de vida dessas pessoas podemos observar que a cultura alemã é mantida pelas ações mais cotidianas, a escola, as festas, o trato doméstico. Ou seja, é no ambiente familiar que as questões mais profundas da cultura alemã são mantidas e a língua é o grande fio condutor dessa manutenção. Frequentar a escola alemã, participar das festas, dos encontros estudantis, significam participar dos momentos em que um pequeno pedaço da Alemanha se faz presente na vida desses descendentes.

É importante salientar que existem muitos outros elementos que não foram tratados nessa pesquisa, mas que suscitam outras pesquisas com maior profundidade. Questões que serão trabalhadas em oportunidades futuras, mas é claro para nós que a língua é um elemento fundamental e através dele os outros aspectos vão surgindo.

A escola também é responsável pela manutenção dessa cultura, pois é nela que a história da Alemanha é transmitida, além do ensino da língua alemã, os costumes são trabalhados nela, comemorações cívicas, encontro com outras escolas, torneios. Todo esse movimento criado nas escolas permite que a cultura e o contato entre os descendentes e alemães se mantenha forte e durador. A comunicação entre as escolas também cumpre essa função, pois “a comunicação é percebida, em todo caso, como cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários” (BARBERO, 2003: 63).

Dessa forma, podemos observar que a cultura alemã se mantém graças a diversos esforços feitos pelos imigrantes para preservar o seu reconhecimento com o país de origem e manter nos descendentes as mesmas tradições e o orgulho de ser alemão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização e poder*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2003a.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

POLLAK, M., Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.